

Knut Heim, Provérbios, Aula 13

Sabedoria Internacional

© 2024 Knut Heim e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Knut Heim em seu ensinamento sobre o livro de Provérbios. Esta é a sessão número 13, Dimensão Internacional da Literatura de Sabedoria Bíblica. Bem-vindo à palestra 13 sobre o livro bíblico de Provérbios.

Nesta palestra, quero focar na dimensão internacional dos livros da Bíblia que têm sido descritos há muitas décadas como literatura sapiencial. Em particular, o livro de Provérbios, mas também o livro de Eclesiastes, o livro de Jó e, até certo ponto, o livro chamado Cântico dos Cânticos. No início do século 20, o estudioso britânico Norman Snaith publicou um livro muito influente e oportuno chamado *The Distinctiveness of the Old Testament*.

Por que ele teria que escrever um livro assim sobre o caráter distintivo do Antigo Testamento? Bem, a razão, claro, deve ser que algumas pessoas questionavam se o Antigo Testamento era realmente distinto o suficiente para ser genuinamente considerado revelação divina, diferente de tudo o mais ao seu redor no meio contemporâneo quando foi escrito, composto e compilado. Por que surgiu esta questão? Bem, desde 1700, especialmente 1800, tivemos uma enorme descoberta de textos originais do antigo Oriente Próximo que eram até certo ponto semelhantes a algumas partes do Antigo Testamento. Este foi um momento muito emocionante de descoberta que estava começando a colocar a Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento, em um contexto cultural e histórico mais amplo, a partir do qual estávamos começando a entender a Bíblia não apenas como um livro completamente sobrenatural e inspirado diretamente no alto, que não tinha conexões com a experiência humana em outros lugares.

Então, isso foi emocionante, e os estudiosos começaram a traçar todos os tipos de paralelos, conexões, comparações e muitas semelhanças, mas também diferenças foram descobertas nas diferentes partes dos vários textos do Antigo Testamento. E isso incluía, cada vez mais, textos também relacionados ao Livro de Provérbios, ao Livro de Eclesiastes e ao Livro de Jó. Existem duas importantes coleções de livros que documentam esses paralelos, semelhanças e diferenças.

Os famosos textos antigos do Oriente Próximo relacionados ao Antigo Testamento, de James Pritchard, frequentemente abreviados como ANET, *Ancient Near Eastern Texts*. E depois, mais recentemente, a obra em vários volumes, muito atual, mais recente, editada por Hallow, chamada *The Context of Scripture*. As questões, no entanto, que estavam começando a surgir de uma perspectiva teológica são: se as várias partes do Antigo Testamento são tão semelhantes a outras produções e padrões de pensamento, até formulações específicas, frases, expressões e vários

tipos de ideias sobre a interação entre os humanos e Deus, ou os deuses, o que restou então de especial no Antigo Testamento? E foi neste contexto que Norman Snaith destacou uma série de coisas que eram verdadeiramente distintivas das escrituras antigas, as sagradas escrituras de Israel.

E entre estes, ele destacaria coisas como a orientação monoteísta do patriarca para um único Deus e a experiência histórica do Êxodo. Houve uma série de outras coisas, mas essas são as mais essenciais. Agora, o que é fascinante quando olhamos para aqueles livros que têm sido comumente relacionados ou designados como literatura sapiencial: o monoteísmo está lá, mas os patriarcas não estão, o Êxodo não está, e o templo não está.

E a Torá, os cinco livros de Moisés, o Pentateuco, é apenas, se é que é, apenas aludido de maneira muito velada, talvez especialmente no capítulo 2 de Provérbios. Então surge a questão: os livros antigos, dos livros de sabedoria, talvez ainda mais relacionados com textos do antigo ambiente do Oriente Próximo? E à medida que continuávamos a fazer descobertas de textos antigos do Oriente Próximo, esta impressão começou a ser confirmada cada vez mais, até o ponto em que, em 1922, o egiptólogo francês Budge publicou um texto egípcio recém-descoberto pelos ensinamentos de Amenemope, que mencionei um poucas palestras atrás, e foi logo depois, em 1924, que o egiptólogo alemão Adolf Ehrman descobriu que há de fato uma seção, ou várias seções, no livro de Amenemope e no livro de Provérbios, onde vários versículos, ao longo de 11 deles, são quase iguais palavra por palavra. A questão que agora começava a ser levantada, e as pessoas começavam a ficar muito entusiasmadas com isso, é quem copiou de quem? Especialmente quando as pessoas queriam continuar a enfatizar a inspiração divina das Escrituras e esta parte específica das Escrituras. No início, alguns sentiram a necessidade de defender e dizer, bem, certamente para que esta parte do livro de Provérbios fosse divinamente inspirada, teria que ser o original do qual Amenemope teria copiado.

Agora, uma ou duas pessoas defenderam esse argumento, mas em geral, sem muito sucesso. A maioria das pessoas concorda agora, e tem argumentado há muito tempo, que os ensinamentos de Amenemope são muito anteriores, na verdade, várias centenas de anos antes mesmo de uma declaração anterior do livro de Provérbios. E há uma série de outras razões que agora realmente levaram a um amplo consenso, que incluiria, creio eu, praticamente todos os estudiosos do Antigo Testamento, de todas as origens e convicções, a concordar que o livro de Provérbios reutilizou criativamente os ensinamentos de ou seções dos ensinamentos do livro de Amenemope.

Iremos, na próxima palestra, examinar algumas das semelhanças detalhadas, para que você tenha uma ideia disso. Mas, por enquanto, quero continuar com comentários mais gerais sobre a dimensão internacional da literatura sapiencial bíblica. E da perspectiva de várias décadas de reflexão entre estudiosos, estudiosos

da Bíblia, tanto de origem cristã, judaica e não-religiosa, penso que agora é relativamente seguro dizer que não precisamos sustentar a ideia de uma singularidade do Antigo Testamento para apreciar que também pode ser verdadeiramente inspirado.

E a razão para isto é porque no século XXI, e aqui penso que fomos ajudados por toda a ideia do pós-modernismo, estamos a começar a compreender que algo não tem de ser único para ser valioso. E de uma perspectiva teológica e hermenêutica, penso que agora é muito apropriado e muito enriquecedor poder dizer que em partes significativas da Bíblia cristã, incluindo o Antigo Testamento e o Novo Testamento, a mesma coisa é verdade para várias seções, os escritores bíblicos, os autores humanos, basearam-se nos melhores escritos e tradições filosóficas, teológicas, éticas, morais e políticas de seu tempo. E fizeram isso sob a orientação do Espírito Santo e com verdadeira sabedoria.

Assim, o que encontraram em outros lugares, recorrendo ao melhor do conhecimento humano, inclusive de outras convicções religiosas, eles reutilizaram criativamente sob a orientação divina, a fim de construir uma visão mais ampla, mais profunda, mais sábia, mais de uma perspectiva cristã e judaica, mais construção verdadeira de como o Deus judaico-cristão interage com os seres humanos. Portanto, esta é uma descoberta emocionante. É algo que nos ajuda também no mundo moderno a apreciar que existe verdade real e verdadeira sabedoria em outras tradições religiosas e não religiosas na experiência humana.

E os cristãos e judeus crentes podem aproveitar o melhor da experiência humana, o melhor do conhecimento humano, incluindo a descoberta científica, a fim de alcançar um conhecimento mais profundo da natureza do universo e da profundidade e das sutilezas e da amplitude da experiência humana de O divino. Pararemos aqui por um momento antes de passarmos para a segunda parte da Aula 13. Nesta segunda parte da Aula 13, quero falar brevemente sobre a própria designação de Provérbios, Eclesiastes, Jó e Cântico dos Cânticos como literatura sapiencial. .

De onde vem essa ideia de categorizar esses quatro livros como literatura sapiencial? Pelo que eu sei, e tenho trabalhado um pouco sobre isso, foi somente no século 20, no início dos anos 1900, que acadêmicos, acadêmicos, professores, pastores e rabinos começaram a chamar esses quatro livros de escritos de sabedoria ou literatura de sabedoria. Por que? Bem, parece que até certo ponto, à medida que o envolvimento acadêmico e acadêmico com o texto bíblico continuou nos séculos XIX e XX, as pessoas começaram a tornar-se muito mais conscientes do facto de que estes três, talvez quatro livros, eram bastante distinto em orientação e forma do resto do Antigo Testamento. Até então, tanto na tradição judaica como na cristã, estes textos eram realmente vistos entre, na tradição cristã, entre textos poéticos.

E assim, não é surpreendente que Eclesiastes, Jó e Provérbios se agrupem em torno do Livro dos Salmos. Enquanto na tradição judaica eles eram associados aos escritos, a terceira parte do cânon judaico, que consistia principalmente na Torá, nos cinco livros de Moisés, no Pentateuco, nos profetas e depois nos escritos. E entre os escritos, a tradição judaica incluía não apenas estes livros, mas também livros como Ester, Esdras Neemias e assim por diante, o Livro das Lamentações.

E assim, existem diferentes maneiras pelas quais esses livros podem ser categorizados. E foi só no início do século XX, especialmente com o importante trabalho de Hermann Gunkel, um teólogo alemão, sobre crítica de gênero ou crítica de forma, que as pessoas começaram a se tornar conscientes de que esses livros específicos, Eclesiastes, Provérbios, Jó e até certo ponto, Salmos e Salomão, eram muito distintos de muitos dos textos do Antigo Testamento, dos outros textos do Antigo Testamento, mas mais semelhantes a alguns dos textos do antigo Oriente Próximo, particularmente na Mesopotâmia e no Egito. As pessoas que então cunharam a designação de gênero, Literatura de Sabedoria, para esses livros, eram pessoas que estavam começando a perceber que a sabedoria, tanto como termo, mas também como persona, como vimos, aparece com mais destaque nesses livros do que qualquer outro. outro termo teológico ou filosófico ou instrucional ou ético.

E então acho que foi algo natural que as pessoas comessem a reconhecer realmente o caráter distintivo desses livros e lhes dessem um nome, nomeadamente Literatura de Sabedoria. Tanto é verdade que os estudiosos da Bíblia que também se engajaram no estudo de textos antigos do Oriente Próximo do Egito e da Babilônia começaram a chamar os textos que encontraram lá que eram mais semelhantes a esses agora recentemente designados escritos de sabedoria no Antigo Testamento, também de sabedoria. textos de origem mesopotâmica ou egípcia. O mais famoso é Wilfred Lambert, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, que escreveu uma excelente coleção de um livro que trata de uma excelente coleção do que ele chamou de literatura sapiencial babilônica.

Uma bela coleção que é impressa continuamente há mais de 40 anos. Uma coleção fabulosa de textos babilônicos que os próprios babilônios não chamavam de literatura sapiencial, mas que Lambert, que era ao mesmo tempo um grande estudioso do Antigo Testamento e também da literatura mesopotâmica, sentiu muito livre e naturalmente que tinha total apoio para designá-lo como Literatura de sabedoria babilônica. Agora, avançando para o século 21, e não para meados do último terço do século 20, uma das consequências de tudo isso foi que nas grandes, famosas e influentes teologias dos teólogos cristãos do Antigo Testamento, os cristãos do Antigo Testamento Estudiosos do Testamento, a literatura sapiencial quase não teve impacto.

Assim, mesmo nas teologias de vários volumes do Antigo Testamento de pessoas como, minha mente ficou em branco por um momento, apenas me dê um momento,

de von Raat e o outro simplesmente escapou da minha mente. Isso voltará para mim em um momento. Apenas uma, duas, dez ou quinze páginas, no máximo, foram dedicadas a essa chamada literatura sapiencial, porque ela não se enquadrava nessas características.

Von Raat, penso eu, o seu envolvimento com todos estes livros não foi superior a dez, quinze páginas ou mais, o que foi realmente insuficiente e o próprio von Raat reconheceu isso. E então, em 1968, escreveu um livro muito influente chamado *Die Weisheit Israels*, que em 1970 foi traduzido para o inglês como *The Wisdom of Israel*. E este livro, mais do que qualquer outro livro do século XX, realmente influenciou o desenvolvimento de um grande e florescente interesse pela literatura sapiencial no último quartel do século XX, chegando até aos dias de hoje.

O Livro de Provérbios, em particular, teve uma enxurrada de estudos acadêmicos fabulosos. A mesma coisa é verdade para *Eclesiastes* e também para *Jó*, e até certo ponto também para o *Cântico dos Cânticos*, ou *Cântico dos Cânticos*. E, em parte, isto tinha a ver com o facto de as pessoas estarem fascinadas e interessadas na dimensão internacional destes livros, mas, num outro grau, também tinha a ver com o facto de que através do trabalho de von Raat e do seu fabuloso livro, as pessoas estavam a começar a perceber que a literatura sapiencial abordava questões práticas, filosóficas e teológicas relacionadas à experiência de Deus e da vida do antigo Israel de uma forma que parecia relevante, interessante e prática para o mundo moderno.

E, portanto, não é surpreendente que tenhamos tido um envolvimento florescente na academia e na igreja, num grau cada vez maior nos últimos, nos últimos 20 anos ou mais, um fascínio pela chamada literatura sapiencial. Alguns dos resultados, especialmente para o Livro de Provérbios, por exemplo, estão documentados em comentários fabulosos como este de Bruce Waltke, um comentário em dois volumes que chega a bem mais de mil páginas, e também do acadêmico judeu Michael Fox, também um obra em dois volumes. Tenho aqui os segundos volumes de cada série que são fenomenalmente detalhados, fenomenalmente eruditos academicamente e cheios de insights e sabedoria que realmente dão vida a este livro.

Pessoalmente, fiquei entusiasmado e interessado pela literatura sapiencial na década de 1980, quando era seminarista, exatamente por esse motivo. A emoção da dimensão internacional e a relevância prática destes livros. Fascinante! Avançando agora para o século XXI, é fascinante ver como isso acontece.

Depois de um longo período de várias décadas no início do século 20 de negligência da literatura sapiencial bíblica, passamos então a um fascínio pela literatura sapiencial bíblica de aproximadamente 1970 a cerca de 2005, 2010. Mas então parece que todo esse desenvolvimento, o macro o desenvolvimento do envolvimento e do interesse acadêmico chegou ao ponto de fechar o círculo.

Nomeadamente, no início da década de 2010, mais ou menos nos últimos sete, oito, dez anos, surgiram diversas publicações de eminentes estudiosos da Bíblia, por exemplo, Mark Sneed, e também de William Kynes, ambos estudiosos americanos, que são agora começando a questionar a própria designação de gênero da literatura sapiencial.

Eles começaram a estudar o desenvolvimento mais amplo e mais longo do envolvimento acadêmico com esses textos, e estão apontando e nos ajudando novamente a reconhecer que a própria noção de literatura sapiencial é muito recente no envolvimento com esses textos, e é até certo ponto, como argumentam, artificial. Por que demoramos décadas para redescobrir isso? Bem, esta é uma das coisas que parece acontecer às vezes. Uma vez que alguém diz algo, todo mundo fica animado com isso por um tempo, e então alguém aparece e reconhece que todo mundo estava fascinado por uma coisa em particular, mas não prestou atenção em outra coisa que estava acontecendo na mesma área. .

E assim, penso que o que temos agora é levar a sério esta tensão que já sugeri anteriormente nesta palestra, nomeadamente relacionada com, então, como é que a literatura sapiencial e a sua abordagem aparentemente tão diferente da teologia, de religião, para a vida prática, se enquadram no ambiente cultural mais amplo do próprio Israel? Nas décadas anteriores, talvez mais claramente visto nos comentários e na obra de William McCain, também da década de 1970, as pessoas explicavam a diferença entre a chamada literatura sapiencial e o resto do Antigo Testamento, dizendo que as pessoas que produziram esta literatura eram de um tipo diferente das pessoas que produziram o restante da Bíblia Hebraica ou do Antigo Testamento. Tanto que diziam que eram seculares em sua orientação. Não eram sacerdotes, não eram profetas, mas eram cortesãos, especialistas, especialistas intelectuais que quase nada tinham a ver com o resto da grande tradição religiosa da sua nação e da sua cultura, mas eram a elite intelectual internacional da sua época. .

O próprio Gerhard von Rath falou de forma mais famosa sobre um período de iluminismo na corte do rei Salomão que trouxe à existência esse florescimento da chamada literatura sapiencial. O problema com isso, no entanto, é pelo menos duplo. O problema número um é que a própria noção de que os povos antigos eram seculares é simplesmente anacrônica.

O secularismo como ideia e como realidade social é realmente, se pensarmos bem, uma falha. Uma falha na experiência humana. É uma falha geográfica porque só existe em grau significativo na Europa Ocidental, na América do Norte.

É também uma falha histórica porque só existe como ideia desde o Iluminismo europeu, dos séculos XVI e XVII em diante, mas como um fenômeno política e culturalmente influente. Só começou a tornar-se importante desde o fim da Primeira

Guerra Mundial, em 1918. Portanto, historicamente falando, o secularismo é uma falha.

Agora, muito mais poderia ser dito sobre o secularismo, mas esta não é uma palestra sobre o secularismo, mas sobre os chamados textos sapienciais do Antigo Testamento, por isso quero voltar a isso. Mas é importante compreender que quando falamos de ideias seculares no Antigo Testamento ou em qualquer outro escrito do antigo Oriente Próximo, estamos a ser completamente anacrônicos e realmente irrealistas naquilo que dizemos, porque estamos a impor as nossas próprias ideias modernas aos antigos. textos e pessoas antigas que eles simplesmente nunca contemplaram. A segunda... acabei de perder minha linha de pensamento por um momento.

Vou apenas fazer uma pausa aqui e organizar meus pensamentos. Então, bem-vindo de volta à Aula 13. Interrompi-me por um momento porque havia perdido a linha de pensamento, mas estamos de volta aos trilhos.

E assim, eu expliquei que o secularismo era uma das maneiras pelas quais as pessoas tentavam explicar essa diferença entre a literatura sapiencial e o resto do Antigo Testamento. A outra maneira pela qual as pessoas explicavam isso é dizendo que esses autores e pensadores intelectuais aparentemente seculares também eram profissionais e culturalmente distintos dos autores que produziram as outras partes das Escrituras. E a ideia aqui era que essas pessoas não eram sacerdotes, não eram profetas, não eram teólogos, mas eram administradores políticos.

Eles estavam situados na corte, eram estudantes de literatura internacional e estavam academicamente envolvidos em discursos, discussões e intercâmbios com os seus homólogos diplomáticos dos tribunais do Egito, por um lado, e dos tribunais das várias potências mesopotâmicas, por outro. E, portanto, houve essa influência intelectual internacional, e para absorver as dimensões internacionais disso, isso teria sido outra explicação para o aspecto secular, aspectos aparentemente seculares disso, as pessoas estavam desteologizando a influência intelectual que estavam agora começando a trazer para o meio cultural seus escritos e para a cultura de Israel. Agora, cada vez mais no século XXI, os estudiosos da literatura muçulmana começam a perceber que esta construção é, como já mencionei, completamente anacrônica.

É também até certo ponto anacrônico porque muitos de nós, e eu até recentemente me incluíria entre eles, impusemos, de certa forma, novamente de forma anacrônica, os nossos próprios ideais de intelectual ocidental nos nossos textos bíblicos favoritos. E faço aqui uma distinção muito específica entre estudiosos ocidentais e estudiosos e estudantes do Antigo Testamento de outras partes do mundo, seja na América Latina, na Ásia, na África e assim por diante. Foram particularmente os académicos ocidentais que impuseram este tipo de pensamento aos textos, porque os

académicos ocidentais operam num ambiente intelectual que é internacional, que é racionalista e, em grande medida, secular.

Então, tudo isto para dizer que temos publicações recentes, e quero novamente destacar aqui dois autores em particular, Mark Sneed e William Kynes, que começaram a dizer que estas explicações são irrealistas e provavelmente não convincentes. É muito mais provável, dizem eles, que os autores que produziram esses textos, Provérbios, Eclesiastes, Jó, até certo ponto, Cânticos de Salomão, fossem pessoas que faziam natural e completamente parte da sua própria cultura. Deve haver outra razão pela qual o que eles escreveram é tão diferente do resto do Antigo Testamento da Bíblia Hebraica.

E eles estão começando a argumentar agora e realmente apresentando, creio eu, um argumento muito mais coerente para o fato de que os autores estavam muito mais interessados em religião, muito mais interessados em acreditar em Deus, do que escritores anteriores, inclusive eu, muitas vezes admitiram. . E isso não deveria ser surpreendente, tendo em conta o facto de que simplesmente não existia secularismo naquela época. Então, ainda não temos certeza do porquê esses escritos são tão diferentes.

Mas talvez uma das razões pelas quais possamos explicar isto é que no Antigo Testamento como um todo, e nesses livros em particular, há uma mundanidade e um interesse cultural, imaginativo, filosófico, religioso, teológico, em todos os aspectos da vida humana. Toda a experiência da vida humana, do local de trabalho, da sexualidade humana, dos relacionamentos, da economia, dos negócios, da agricultura, da interação com os animais, da observação do mundo e do envolvimento científico no nível que era possível naquela época. Tudo isso aparece nesses textos em maior grau do que em outros textos bíblicos.

Agora, talvez a razão pela qual isso aconteceu seja apenas coincidência, porque temos tipos ocasionais de escrita naquela época e agora. Há algumas pessoas no mundo moderno que são cientistas, que estão quase exclusivamente interessadas em física, biologia, matemática. Existem outros tipos de estudiosos no mundo moderno que estão mais interessados nas humanidades.

Há especialistas em geografia, há especialistas em estudo de línguas, há especialistas em estudo histórico, há especialistas em estudo teológico. Só porque escrevo principalmente na área de humanidades, isso não significa que não saiba nada sobre questões científicas. Mas no meu interesse pelo que publico, concentro-me num aspecto particular de uma experiência de vida muito mais ampla que tenho, e isto, tenho a certeza, penso, também teria sido verdade para os escritores antigos.

Portanto, o que temos aqui nestes livros é uma ampliação genuína do envolvimento teológico, da contemplação e da reflexão dos antigos escritores da Bíblia, não apenas

com os aspectos teológicos distintivos e chave da sua experiência de vida e do mundo, mas com vários aspectos teológicos. áreas mais amplas de experiência de vida, cultura e assim por diante. Assim, desta perspectiva, o problema desaparece em grande parte, e o que temos é simplesmente algo que podemos celebrar e que podemos integrar teologicamente na nossa compreensão destes textos. Voltando a William Kynes em particular, que está emergindo rapidamente como um estudioso muito importante e influente nesta área, a proposta agora é realmente envolver os textos bíblicos em consideração, incluindo o Livro dos Provérbios em particular, não tanto como textos tão diferentes de tudo o resto, mas para ser uma contribuição genuinamente especial para o quadro mais amplo.

Existem várias maneiras pelas quais esses textos podem ser considerados, e uma maneira de considerá-los é não dizer, ah, eles são literatura sapiencial e, portanto, diferentes de todo o resto, mas sim dizer que são literatura poética que está interessada em aspectos particulares do espectro mais amplo da vida humana. Isso realmente encerra a aula 13. Obrigado por ouvir a Literatura Sabedoria.